

## INCLUSÃO/EXCLUSÃO PELA LINGUAGEM

### 5.1.

#### **O inglês como fator de inserção / exclusão social no Brasil e no mundo**

Tendo em vista o poder e a importância do inglês na sociedade moderna é de se imaginar quão prejudicados ficam aqueles que não o têm como língua materna ou os que não têm condições de aprendê-lo. No mundo todo há milhões de pessoas que sofrem discriminações e preconceitos de toda ordem - raça, cor, credo religioso, entre outras - ficando excluídos de uma integração plena à sociedade. Em um mundo tão cheio de desigualdades e injustiças, seria o não-domínio da língua inglesa também alvo de preconceito e fator determinante de inserção ou exclusão social? É o que se verá a seguir.

É comum as pessoas pensarem que o único propósito da linguagem é o de comunicar informações, ou seja, expressar idéias de maneira clara e inteligível. Há, porém, outra razão para se usar a linguagem, que é expressar a identidade pessoal e social do falante. É por esse motivo que a quantidade de dialetos e de diferentes sotaques aumentou tanto. Quando as pessoas querem mostrar que pertencem a um grupo social particular, a atitude que tomam é falar todas do mesmo jeito e diferentemente de todos os outros que não façam parte desse grupo.

Existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades existentes e para com aqueles que as utilizam. Pela maneira de uma pessoa usar a linguagem é possível saber muito sobre ela. Um/a falante revela muito sobre si mesmo/a no momento em que abre a boca. É comum que se façam inferências a respeito de alguém com base na linguagem empregada. É por esse motivo que falantes alteram seu sotaque deliberadamente, a fim de sugerir origens sociais ou regionais diferentes da verdadeira, ou então adotam uma gramática e um vocabulário únicos, com a intenção de se fazerem passar por integrantes de determinados subgrupos.

Há uma estreita relação entre a maneira como as pessoas agem socialmente e a forma como se expressam lingüísticamente, ou seja, Cultura e Linguagem estão

intrinsecamente ligados, sendo, portanto, fatores indissociáveis. É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. Segundo Coulthard (2001), é na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros e graus de escolaridade. A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o usuário é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado.

Ainda segundo Coulthard (2001), a identidade lingüística é algo pela qual muitas vezes as pessoas se mostram dispostas a lutar e, não raro, até a morrer. Já houve ocasiões em que um povo enfrentou greve de fome até morrer em apoio a uma determinada língua. Movimentos políticos com o objetivo de salvar e preservar línguas locais são conhecidas no mundo inteiro. Como exemplos, pode-se citar o caso de países, como Bélgica, Canadá e Índia. Da mesma forma as lutas e questões para fazer com que uma determinada língua seja a oficial de algum país são freqüentes. Crystal, (em artigo publicado na revista *Business Traveller*, março de 1977,) afirma que já houve casos de pessoas cometendo suicídio que, por estarem vivendo em outra parte do país e tendo um sotaque diferente dos demais habitantes do local, foram vítimas de preconceito lingüístico, não tendo suportado o peso das humilhações sofridas.

O estudo clássico de Labov, (in: Coulthard, 2001) realizado há poucas décadas (1968), em Nova York, sobre “mudança lingüística” mostrou que, diferentemente do que acontecia na época dos romanos que interpretavam as mudanças lingüísticas ocorridas como alterações desastrosas introduzidas pelos pobres, e então paradoxalmente adotadas, como que contra a vontade, pelas classes mais altas, a situação em Nova York ocorria em direção contrária. Ali as classes mais altas iam introduzindo mudanças que iam sendo adotadas pelas classes inferiores. Essa situação é comum em muitas comunidades lingüísticas onde se encontram falantes preocupados/as em falar a língua considerada de mais prestígio e o sotaque correspondente. Quando o contrário acontece, isto é, a pessoa fala com sotaque característico da localidade de origem, e quando essa não é tão prestigiada, é muito comum que seja vítima de preconceitos lingüísticos.

Outro tipo de preconceito ocorre quanto ao modo de “bem falar”. Em todos os países há uma determinada região onde se acredita que a língua nacional é pura e cujo

modo de falar deve ser seguido por quem deseje se fazer passar por alguém de prestígio e de boa educação. No Brasil, por exemplo, há quem atribua ao falar de São Luís, no Maranhão, a maneira mais correta de usar o português. O modo de falar do Rio de Janeiro é também, e até com mais frequência, considerado o uso padrão do português porque o Rio foi durante muitos anos a capital da República, além de ser a capital cultural do país., exercendo grande influência nos outros estados.

Com o idioma inglês, algo semelhante também acontece. Na Inglaterra, por exemplo, “ falar bem “ significa falar de acordo com o padrão estabelecido pela rede BBC, de Londres.

Crer que há um modo mais prestigioso de falar a própria língua implica, quando alguém não a possui, tentar adquiri-lo. Um bom exemplo é a peça de Bernard Shaw, *Pygmalion*, adaptada para o cinema com o título *My Fair Lady*, em que essa questão aparece claramente focalizada. A personagem principal, uma humilde florista, recebe aulas de um professor de fonética que aceita o desafio de transformá-la em uma educada dama, capaz de frequentar as mais altas rodas da sociedade inglesa, fazendo-a adquirir o modo prestigioso de falar inglês, o que só será possível se ela deixar de falar com uma pronúncia fortemente desvalorizada, a dos ‘cockneys’, uma variedade lingüística característica das classes sociais das periferias de Londres.

Se falantes de uma mesma língua sofrem preconceitos e enfrentam problemas por apresentarem maneiras peculiares de a utilizarem, o que se pode esperar em relação às pessoas que não dominam o inglês, que vem sendo considerado a língua franca dos tempos modernos?

Já ficou evidenciado durante este trabalho que o inglês é a língua que possibilita acesso imediato ao conhecimento, é requisito básico para quem tenha pretensões a ocupar uma posição de destaque no campo profissional. Em vários países do mundo, as pessoas não poupam esforços para conseguirem obter fluência nesse idioma.

Reportagem publicada na revista *Newsweek* , volume CXLV, de 7 de março de 2005, permite uma visão bem atualizada desse fenômeno. A revista afirma que o aprendizado do inglês transformou-se em verdadeira obsessão para povos de vários países. Para comprovar tal afirmativa, são apresentados alguns dados, entre os quais merecem ser destacados:

( a ) para adquirir fluência, os que não têm o inglês como primeira língua estão sendo encaminhados cada vez mais cedo para o seu aprendizado. A maioria das escolas primárias da China anteciparam o início do ensino dessa língua e muitos pais estão matriculando os filhos em cursos. Mulheres grávidas em Beijing chegam a conversar em inglês com os bebês que ainda estão em seus ventres.

( b ) Em alguns países a demanda por falantes nativos para dar aulas é tão grande que por não haver número suficiente de pessoas para atender ao mercado, professores de inglês da Índia começam a ser ‘importados’.

( c ) No Afeganistão, depois da queda do regime talibã, as meninas estão tendo duas horas diárias de aulas de inglês.

( d ) Na China, os Jogos Olímpicos de 2008 estão fazendo com que as pessoas das mais diversas classes sociais preparem-se para receber atletas e visitantes que virão de todas as partes do mundo. Na Índia, para as pessoas da classe média baixa a aquisição do inglês significa acesso a empregos como *call-centers*.

( e ) na República Tcheca, é a língua de trabalho de japoneses, franceses e tchecos. Segundo o diretor de uma escola de línguas, Jitka Prikryolova: “ o mundo abriu-se para nós e o inglês é a sua língua.”<sup>1</sup> ( tradução da autora)

( f ) Até governos tidos como lingüisticamente protecionistas, começam a reconhecer o poder indiscutível do inglês. Na Malásia, as crianças aprendem matemática e ciências em inglês. Na França, uma comissão recomendou que o inglês básico deveria ser tratado da mesma forma como é tratada a matemática básica. Embora o ministro da Educação não tenha concordado com a idéia, 96% das crianças já estão estudando inglês na escola como matéria eletiva.

( g ) O número de falantes de inglês na Ásia praticamente é igual ao total de falantes nativos nos EUA, no Canadá e na Inglaterra.

( h ) na Alemanha, as escolas de línguas não mais têm como alvos os iniciantes e sim os alunos com interesses especiais, como inglês para negócios e para apresentações. Os cursos de inglês para iniciantes agora estão repletos de imigrantes turcos e russos, ávidos por aprender o idioma dominante no mundo dos negócios, da tecnologia e que lhes garantirá inserção no mundo moderno.

---

<sup>1</sup> “The world has opened up to us, and English is its language.”

Por essas informações, pode-se perceber a importância que povos das mais diversas origens atribuem ao inglês. De que maneira o não-domínio dessa língua passa a funcionar como fator de exclusão a quem se pretende incluído na sociedade em que vive pode ser notado também a partir de alguns depoimentos colhidos na Internet. Ali também se encontram declarações de pessoas brasileiras e estrangeiras, das mais diferentes áreas de atuação, atestando que aqueles que não sabem falar inglês estão em evidente desvantagem em relação aos que o falam. Através desses depoimentos é possível saber que a exclusão se dá em vários níveis e em ocasiões as mais diversas. Como exemplo, podem-se citar as seguintes conseqüências acarretadas pelo não domínio do inglês:

➤ Prejuízo da produtividade científica, que ainda é baixa em vários setores, pois não se conseguem publicar artigos, apresentar trabalhos, participar de viagens e atualizações, ou até mesmo receber visitantes estrangeiros, sem dominar o inglês.

➤ O mundo da edição científica e técnica em inglês claramente favorecido.

➤ Os prêmios em pesquisas são dados, em sua maioria, a obras publicadas em inglês.

➤ Empresas não anglófonas arcam com enormes despesas com tradutores e intérpretes se quiserem ficar a par de conhecimentos essenciais ao desenvolvimento de suas atividades, uma vez que normas internacionais e patentes são redigidas em inglês.

➤ A Internet é um instrumento tecnológico poderoso, levando e trazendo informação de modo eficiente. Com o domínio do inglês, fundamental para pesquisa eficiente na rede, as buscas são mais rápidas.

➤ Em tempos de globalização, o conhecimento do inglês é imprescindível para quem tem pretensão a ocupar uma boa posição nos campos acadêmico, pessoal e profissional.

Para melhor avaliar o impacto do desconhecimento do inglês na vida das pessoas hoje em dia, seguem nos anexos ( 3 ) os depoimentos na íntegra.

De todos os depoimentos transcritos dois em particular merecem destaque. O primeiro, tirado de uma tese sobre a língua inglesa em situação de trabalho, em que seu

autor, Daniel Cruz, analisa o material didático para o ensino do idioma e conclui que a exclusão está lá, está expressa no material que se pretendia inclusivo.

O outro depoimento é de uma aluna – Maria Teresa Ribeiro - que, após investigar a importância do inglês para a ascensão social de pessoas em posição de destaque na sociedade, concluiu que os negros, além de terem de lutar contra o preconceito racial, ainda precisavam lutar também contra a exclusão social e profissional por não dominarem o idioma mais requisitado atualmente em vários campos de atuação

Pode-se concluir então que o não-domínio desse idioma certamente é um fator que gera exclusão. Para os que não têm tantas oportunidades de aprender inglês, realmente parece muito difícil não se sentir excluído em muitas situações. Além do que já foi anteriormente mencionado, podem-se citar ainda outros exemplos de ocasiões em que esse sentimento de exclusão se fará presente, iniciando-se pelas mais corriqueiras, tais como não poder entender letras de músicas, diálogos em filmes e programas de TV a cabo, passando por trabalhos escolares ou universitários com textos ainda não traduzidos para o português, até chegar às ocasiões mais sérias, como por exemplo, na hora de conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho, pois mesmo para ocupar posições em que o inglês não será usado, ainda assim se exige o conhecimento desse idioma, sendo ele um fator decisivo a favor de um pretendente a um cargo, em detrimento de outro que não o domine.

Em relação ao Brasil, é claro que ainda existem algumas profissões em que o inglês não é exigido, mas esses cargos estão se reduzindo cada vez mais e certamente não são os mais importantes e os que dão maior prestígio aos que os ocupam. E mesmo para ocupar alguns cargos que não garantem tanto prestígio, o inglês também se faz cada vez mais necessário. Para comprovar essa afirmação pode-se citar uma entrevista levada ao ar no programa *Conta Corrente* ( 2004 ) da Globonews em que um encarregado de produção de uma fábrica de calçados em Franca, São Paulo, afirmava que daqui a algum tempo, o inglês será exigido também para operários que terão de manejar máquinas, cujas instruções serão naquela língua. Por esse exemplo, pode-se perceber claramente que a pessoa que não dominar o inglês verá um estreitamento nas oportunidades de conseguir colocação no mercado de trabalho e de galgar melhores posições.

De que modo se poderia suprir essa deficiência é um problema difícil de ser solucionado, pois sabe-se que não só no Brasil, mas também em inúmeros outros países, o

número de analfabetos é assustador. Se há tantas pessoas que não sabem ler e escrever nas suas próprias línguas maternas, como fazer para que adquiram uma segunda língua? Realmente esse é um problema que não será de fácil resolução. Somente através da educação essa situação poderia mudar.

Para isso é necessário que os governantes desses países não meçam esforços para primeiramente suprir as deficiências nas próprias línguas maternas e, a seguir, pensem em soluções eficazes para que se possam inserir esses cidadãos no mundo, fazendo com que todos tenham as mesmas oportunidades de disputar melhores condições de vida e possibilitando-lhes exercer com plenitude seus direitos de cidadãos, habitantes de um mundo globalizado. Muitos governos, como pôde ser constado anteriormente, já estão fazendo investimentos nessa área para não correrem o risco de ‘serem atropelados’ pela concorrência acirrada de países desenvolvidos. Muitos já perceberam que no mundo de hoje o domínio do inglês é condição essencial à inserção social e não poupam esforços para aprendê-lo.

## **5.2.**

### **O papel dos profissionais de ensino como agentes de inserção/exclusão social**

A influência do idioma inglês no mundo inteiro é inquestionável. E no Brasil, isso não é muito diferente. É inegável que o inglês está presente em inúmeros aspectos do dia-a-dia da vida no nosso país. E para atender a uma demanda crescente, a cada dia, praticamente, surgem novos cursos com promessas, algumas mirabolantes, de eficiência no ensino do idioma.

Além de ser o inglês a língua mais utilizada em praticamente todos os campos do conhecimento, o mercado de trabalho exige um conhecimento eficiente do idioma.

No Brasil, devido ao fenômeno da globalização, a instalação de companhias estrangeiras vem aumentando nos últimos tempos. Com isso, a demanda por profissionais capacitados e falantes de outros idiomas cresce a um ritmo vertiginoso. Dominar o inglês hoje já não é mais o que faz a diferença em favor de candidatos a postos nas empresas. A

proficiência no inglês é vista quase como uma obrigação, é condição indispensável para se obter colocação em alguma empresa de porte. Há inclusive a idéia muito difundida de que nos dias de hoje existem três tipos de pessoas letradas: os que não sabem ler nem escrever, os que não sabem usar computador e os que não sabem inglês.

Na verdade, um segundo e, muitas vezes, um terceiro idioma estão sendo exigidos e estão fazendo a diferença na hora de se decidir pela contratação de um novo funcionário. Por esses motivos, os brasileiros percebem a importância do domínio de línguas e empenham-se em aprendê-las, sendo o inglês o líder nas preferências.

Além disso, a língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é visto como uma pessoa culta. Rajagopalan (2000 : 65) afirma que a “ palavra **estrangeira** é comumente reservada para qualificar uma outra língua que conta com mais respeitabilidade que a língua materna de quem fala.” O autor oferece como prova de sua afirmação, o fato de que quando a língua é considerada de menor prestígio, é quase sempre qualificada como “ exótica” ou até mesmo como um “ dialeto” e não como uma língua propriamente dita.

Apesar de se reconhecer a importância do estudo do inglês para a melhor inserção das pessoas no mundo globalizado de hoje, é de extrema importância que se pense de que maneira uma língua estrangeira deve ser ensinada, devendo ser vigorosamente rejeitada a idéia de que o inglês é um idioma superior e que o *modus vivendi* dos falantes do mundo anglo-saxônico deve ser copiado a qualquer preço.

Aprender uma outra língua é muito importante em um mundo cujas fronteiras se estreitam cada vez mais e onde o contato entre povos de tão diferentes origens, histórias e tradições ocorre com frequência cada vez maior. O cidadão desse novo mundo é, por definição, multilíngüe. O multilingüismo já se tornou uma realidade em muitas partes do mundo, tornando-se cada vez mais a norma e não a exceção. Esse aumento, ao que parece, irreversível, de casos de multilingüismo deve-se não só ao fato de que vivemos em um mundo globalizado, em que os destinos dos povos desse planeta se encontram cada vez mais interligados e imbricados uns nos outros – fenômeno que vem sendo chamado de “ transnacionalização “ da vida cultural e econômica”. ( Robins, 1997, apud Rajagopalan), mas também devido à popularização da informática e ao encurtamento da distância entre os

continentes, resultando no contato crescente entre os povos.( Rajagopalan, 1997 a, 1998 a, 1999 d).

Essa nova relação entre as pessoas de diferentes lugares do mundo ocorreu como consequência direta do rompimento das barreiras que até há pouco pareciam intransponíveis e serviam de impedimento a qualquer forma de aproximação entre os povos, a não ser com propósitos quase sempre nada amigáveis. Eram inúmeras as barreiras comerciais, econômicas e culturais e as restrições à livre circulação de informações entre países, empecilhos que estão caindo por terra com rapidez impressionante.

Como consequência da globalização, há mudanças em vista na identidade lingüística de cada um. É de se destacar que nunca em outra época, a identidade lingüística das pessoas esteve tão sujeita às influências estrangeiras. Vive-se a era da informação – hoje a pessoa é o que sabe. E a linguagem está no epicentro desse novo modo de lidar com as vidas e as identidades das pessoas.

De acordo com Rajagopalan ( 2003 ), se a identidade lingüística está em crise, isso se deve, por um lado, ao excesso de informações e, por outro lado, às instabilidades e contradições que caracterizam tanto a linguagem na era da informação como as próprias relações entre as pessoas e os povos.

Essa crise na identidade lingüística vem gerando angústia em alguns setores e apresenta como consequência o fato de que ao mesmo tempo em que se fala em interesses globais, as nações estão procurando cada vez mais cuidar dos interesses regionais, haja vista a formação de zonas de livre comércio, dentre as quais se encontra o Mercosul.

Huntington ( apud Rajagopalan, 2003 : 60 ) afirma que há uma identidade lingüística em formação no mundo inteiro. Ela mostra marcas inconfundíveis de globalização que, segundo alguns críticos, não passa de um eufemismo para a “ estadunização”, isto é, uma nova ordem mundial sob o domínio dos EUA. Os italianos têm uma palavra para o tipo de influência cultural massiva que está ocorrendo no mundo : *cocacolonizzare*; em inglês, *to coca-cola colonise*; em português, *cocacolonizar*.

Como já se viu em outro momento do trabalho, há inúmeros defensores da idéia de que o avanço triunfante da língua inglesa como meio preferido de comunicação internacional está afetando diretamente as demais línguas do mundo. Em tom alarmante,

Philipson (1992) discute o fenômeno do “imperialismo lingüístico” e fala da “invasão lingüística” a que vêm sendo submetidas as outras nações, mediante os empréstimos lingüísticos em grandes quantidades. Pennycook (1998) vai mais longe ainda quando alega que tanto a língua inglesa como a disciplina que se diz interessada em questões lingüísticas – a lingüística - estão impregnadas da ideologia da colonização.

De fato, o inglês vem influenciando outras línguas e dialetos. As palavras em inglês têm invadido o vocabulário de outras línguas, principalmente no campo dos esportes, comércio, cultura, entretenimento, política e sociedade de consumo. Em artigo publicado na revista *Business Traveller*, em março de 1997, Crystal faz uma lista de palavras que foi anotando ao acaso em lojas, anúncios e em textos de jornais de cidades européias naquele ano. Entre elas, encontrou *goalie, knockout, photo finish, hitchhike, traveller check, marketing, runway, motel, briefing, top twenty, Miss ( como em Miss Suécia ), striptease, sexy, hamburger, disk, drive-in, cocktail, make-up, juice, no way*, além de muitas outras. Na verdade, parece que hoje em dia não há nenhuma língua a salvo da ‘invasão’ de palavras estrangeiras, nem mesmo o próprio inglês. A língua inglesa, como já se viu, tem em seu léxico um grande número de palavras de outras línguas.

O que se vê, na verdade, é que a influência do inglês sobre outras línguas não se faz presente de forma pacífica. Ele enfrenta, não raro, muitas resistências e situações de enfrentamento. Alguns países, entre os quais o Brasil, têm se mobilizado contra a invasão de estrangeirismos. Na França, por exemplo, há leis que proíbem a adoção de palavras estrangeiras no caso de existirem palavras correspondentes no francês. Os espanhóis criaram uma série na televisão para reclamações sobre esse fenômeno. Em Quebec, no Canadá, o material de propaganda, o nome dos estabelecimentos comerciais e os sinais de trânsito foram mudados em uma tentativa de deter o avanço do inglês na província. Houve movimentos contrários ao inglês também em Portugal, na Alemanha, no México, na Índia, e alguns outros.

No Brasil, o deputado Aldo Rebelo, ( PC do B, S P ) propôs que se adotassem medidas restritivas ao uso do inglês em situações em que existam palavras em português equivalentes aos estrangeirismos.. É um projeto de lei que ainda está tramitando no Congresso. Não são poucos, porém, os que criticam ferozmente essa idéia, por considerá-la ineficaz e um tanto “quixotesca”.

De acordo com Canagarajah ( 1999 apud Rajagopalan : 2003 :61 ). A formação de focos de resistência mais bem fundamentados em diversas partes do mundo vem ocorrendo, entretanto.) Esse fato, juntamente com a importância que a chamada pedagogia crítica vem adquirindo podem vir a fortalecer os demais idiomas, neutralizando um pouco a influência esmagadora do inglês. Alguns pesquisadores propõem atitudes, a seu ver muito mais eficazes, tais como investir cada vez mais em estratégias de “*empowerment*”, ou fortalecimento, isto é, providenciar melhores condições para enfrentar o adversário em seu terreno, em vez de se esconder por trás de uma muralha de auto-isolamento.

O traço mais visível da identidade lingüística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia. As línguas naturais não são estanques, antes pelo contrário, elas são suscetíveis a toda sorte de influência externa. No mundo globalizado de hoje as línguas estão sofrendo influências mútuas numa escala sem precedentes. Por isso, atitudes como as de Aldo Rebelo, que tenta disciplinar através de leis e decretos um fenômeno que está ocorrendo em escala mundial, não encontram unanimidade entre lingüistas.

As chamadas “línguas francas” do mundo moderno já não são mais línguas cujas trajetórias históricas permanecem sem influência externa ao longo do tempo. Elas são formas de comunicação que se originaram do contato efetivo entre povos , processo que continua com maior força nos dias de hoje em razão do encurtamento de tempo e espaço, marca registrada do momento histórico que se vive atualmente. Levas de imigrantes têm circulado pelo mundo todo, fazendo com que do convívio de povos de línguas diferentes surjam outras línguas.

Estudos divulgados há pouco tempo, conforme publicado no jornal *O Globo*, dão conta de que até a preocupação com o desaparecimento de muitas línguas no mundo não fará mais sentido, uma vez que a diminuição no número de línguas faladas estaria sendo compensada pelo surgimento de outras tantas, originadas principalmente pelo deslocamento maciço de comunidades lingüísticas diferentes pelos países que integram a União Européia, por exemplo.

Línguas, como as denominadas ‘portunhol’, ‘franglais’, ‘spanglish’ são exemplos concretos da realidade lingüística do mundo de hoje. São línguas mistas em constante

processo de evolução, correspondendo à miscigenação crescente entre povos e culturas no mundo inteiro. Isso vem reforçar a idéia de que se vive hoje uma época em que a questão da identidade não pode ser considerada algo pacífico. As identidades estão sendo, cada vez mais, percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante.

O mesmo artigo da revista *Newsweek*, anteriormente citado, aborda também a questão das transformações pelas quais o inglês estaria passando como língua global. Atualmente, o número de falantes não nativos do inglês é três vezes maior do que o número de falantes nativos. Segundo Crystal, ( 2003 )nunca na história da Humanidade, uma língua teve um número maior de falantes entre os não nativos . Esse fato traz conseqüências à feição da língua. Os novos falantes de inglês não estão passivamente absorvendo a língua, mas sim moldando-a de acordo com as características de cada um. Com isso, tem crescido o número de ‘*new Englishes*’ ( novas formas de inglês). O “Englog”, o inglês falado nas Filipinas; o “Hinglish”, mistura de Hindi e inglês são algumas das novas feições que o inglês vem adquirindo. Na África do Sul do pós-apartheid, muitos negros adotaram uma versão própria do inglês, misturado a palavras nativas, como símbolo de liberdade, em contraste com as línguas Afrikaans, vista como a língua do opressor. Um ator veterano, em entrevista à rede BBC declarou: “Nós falamos inglês com sotaque e atitude Xhosa”.<sup>2</sup>

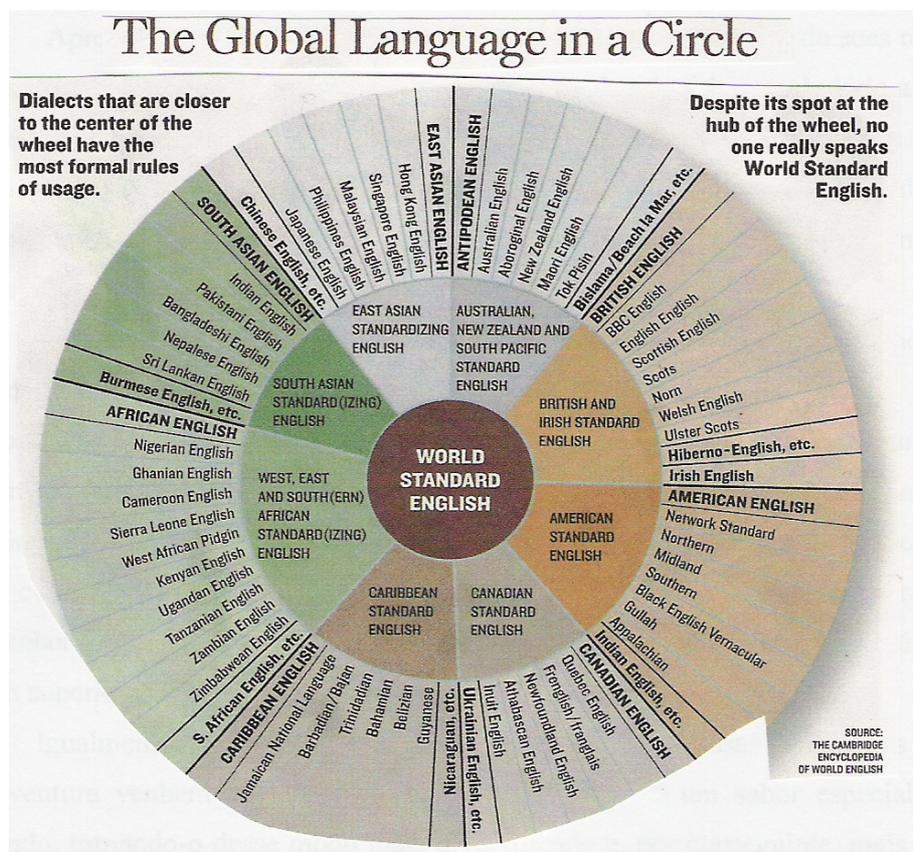
( tradução da autora )

De que maneira essas novas maneiras de falar inglês acabarão por afetar a língua ainda é uma incógnita. Com a apropriação do inglês por outros povos que o adaptam às suas características próprias, deixando de tentar imitar os sotaques dos ingleses ou dos americanos, o temor de muitos nativos - o inglês ficar tão descaracterizado e tão afastado de seu original que acabará por originar outras línguas – faz sentido.

O modo como o inglês vem sendo usado por povos que não o têm como língua materna pode ser mais bem percebido a partir da ilustração abaixo.O Círculo do Inglês mundial de McArthur (1998) mostra como as línguas vêm se organizando em torno do inglês. No centro vê-se a língua formal idealizada; ao redor dessa língua-padrão estão situados os dialetos que possuem regras mais formais de uso e nas bordas encontram-se os dialetos regionais.

---

<sup>2</sup> “ We speak English with a Xhosa accent and a Xhosa attitude”.



Por conta das questões levantadas até agora, é importante entender como funciona o processo de ensino-aprendizagem de uma língua “ estrangeira” como parte integrante de um processo de redefinição de identidades. Isso porque as línguas não são meros instrumentos de comunicação, mas sim a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Quem transita entre vários idiomas está redefinindo sua própria identidade, está se redefinindo como uma nova pessoa. De acordo com Meyer ( 2002 ) “o verdadeiro objetivo do ensino de línguas estrangeiras deve ser o de formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e diferentes modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadão do mundo.”

Aprender uma língua estrangeira possibilita um alargamento dos horizontes, um conhecimento de outras culturas, que deverá servir para um enriquecimento pessoal. Esse

aprendizado não deverá servir nunca, em hipótese alguma, para uma desvalorização de sua própria língua e de sua própria cultura.

Aprender uma nova língua não significa apenas apropriar-se de suas regras gramaticais, de suas estruturas morfosintáticas e de adquirir vocabulário amplo e variado. Aprender uma nova língua é muito mais do que isso. Hoje em dia o aprendizado de uma língua estrangeira requer o conhecimento dos valores, crenças, atitudes e modos de ver o mundo de seus falantes. É preciso ter “mente e espírito abertos” para essa tarefa.

Batchelder, ( 1993 ) em seu texto *Green Bananas*, afirma que cada pessoa tende a ver sua terra como o centro do mundo e sua cultura como a mais importante do planeta. Por isso é importante que cada um que tenha contato com outra língua que não a sua, faça-o com um olhar diferente, um olhar de curiosidade, retirando as “lentes” através das quais está acostumado a enxergar sua cultura e usando outras “lentes” capazes de enxergar a cultura do outro, de perceber o mundo do outro com o que ele tem de característico como algo único, nem superior ou inferior ao seu próprio, mas sim como complementar.

Igualmente importante é a percepção de que essas diferenças que porventura venham a ocorrer contribuem para dar “um sabor especial” ao mundo, tornando-o desse modo mais diversificado e, por conseguinte, mais rico. Edgar Morin, ( 2003 : 38 ) eminente filósofo francês, afirma que ele se inclui entre os que “pensam que a diversidade, isto é, não somente a diversidade dos indivíduos, mas também a diversidade das culturas, é um tesouro da humanidade. Nosso tesouro é a diversidade , e sempre que a destruímos, cometemos algo de bárbaro”.

É preciso, portanto, olhar a cultura do outro sem preconceito, por um lado, e sem supervalorização por outro, para entender e respeitar o que se diferencia de seus próprios valores, crenças e modos de ver o mundo. Entender e respeitar a cultura do outro contribui para tornar o indivíduo mais tolerante. Se todos pudessem entender isso, com certeza o mundo estaria em situação muito melhor do que a que se encontra atualmente.

No Brasil, o ensino de língua estrangeira já vem recebendo um novo enfoque, como pode ser depreendido da leitura do trecho a seguir. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio - PCNs - no item *Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e a outros grupos sociais lê-se:*

A aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna qualifica a compreensão das possibilidades de visão de mundo e de culturas diferentes, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual. É preciso pensar-se no processo de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é o veículo, por excelência de comunicação de um povo e, através de sua expressão, esse povo transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos.

Entender--se a comunicação como ferramenta imprescindível, no mundo moderno, com vistas à formação pessoal, acadêmica ou profissional, deve ser a grande meta da aprendizagem de língua estrangeira

( PCNs – LE, 1998 )

Cada cultura tem seu valor, já indo longe o tempo em que se acreditava que existiam culturas superiores e inferiores. Hoje em dia , sabe-se que, da mesma forma que não existem línguas mais ricas ou mais pobres, sendo todas funcionalmente equivalentes, ou seja, são todas dotadas de recursos para atender a todos os interesses de seus usuários, assim também cada cultura tem sua própria importância. O aprendizado de novas línguas possibilita um conhecimento de mundo que vai muito além do conhecimento da língua em si, contribuindo para o alargamento dos horizontes de seus falantes.

No âmbito da LDB e do Parecer do CNE,,: “as línguas estrangeiras modernas recuperaram, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de forma injustificada, como pouco relevantes, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina importante como qualquer outra, do ponto de vista da formação do aluno.” (PCNs – LE, 1998 )

Uma vez recuperada a noção de que o aprendizado de línguas estrangeiras era importante, faltava ainda a consciência de que fazer o contrário, isto é, exaltar e glorificar o inglês, por exemplo, vê-lo com símbolo de valores considerados superiores aos dos demais, também deveria ser mudado.

Até há pouco tempo, o inglês era ensinado sem uma visão crítica. Enfatizava-se a competência técnica e a lingüística. O objetivo do ensino de língua estrangeira era a aquisição de uma competência perfeita, que seria igual ao domínio que o falante nativo possui de sua língua, cabendo ao aprendiz de língua estrangeira fazer o possível para se aproximar da competência do nativo. Os alunos não tinham voz, não tinham noção do papel que exerciam no mundo. Eram meros repetidores de frases em situações muitas vezes bastante distantes da realidade em que viviam.

Rajagopalan (1997 a, 1997 b) argumenta que o próprio conceito de falante nativo é algo ideologicamente suspeito. Houve uma época em que se fazia uma verdadeira “apoteose do nativo”, não sendo raro o caso de muitos alunos que se sentiam envergonhados da sua própria condição lingüística. Alguns desses alunos, mais suscetíveis a críticas, ficavam com a auto-estima em baixa e experimentavam um complexo de inferioridade, que muitas vezes os levava a um bloqueio, impossibilitando que adquirissem um bom nível no uso da língua estrangeira.

Era comum também que se visse a cultura do mundo anglo-americano como sendo superior e o seu estilo de vida um modelo que deveria ser copiado, imitado. Muitos professores não tinham consciência das implicações de suas práticas na reprodução de desigualdades sociais.

Recentemente, alguns estudiosos da área de ELT – Philipson, Pennycook, entre outros - começaram a questionar a ausência dessa visão crítica no ensino do inglês e do seu papel no mundo. Uma pedagogia crítica que encorajasse práticas pedagógicas que visassem ao fortalecimento de professores e alunos e, conseqüentemente, à mudança da natureza do ensino e da transformação da sociedade, provou ser mais do que necessária. É preciso dominar a língua estrangeira, fazer com que ela se torne parte da vida dos alunos, de sua personalidade e não permitir que ela os domine.

Pennycook tem mostrado preocupação com o discurso dominante em ELT que considera a expansão e internacionalização do inglês como algo natural, neutro e benéfico. Segundo ele:

Em geral, a expansão do inglês é considerada natural, neutra e benéfica. É considerada natural porque, embora possa haver alguma referência crítica à imposição colonial da língua

inglesa, a sua expansão subsequente é vista como resultado de forças globais inevitáveis. ‘É vista como neutra porque é suposto que, uma vez que o inglês de algum modo se desligou dos seus contextos culturais de origem (particularmente Inglaterra e América), é agora um meio de comunicação neutro e transparente. E é considerada benéfica porque uma visão brandamente otimista da comunicação internacional supõe que esta aconteça apenas numa base eqüitativa e de cooperação.

(Pennycook, 1998:9)

É importante que os professores tenham uma visão crítica em relação ao ensino do inglês e do seu papel a nível internacional. Esses profissionais devem estar atentos à dimensão política na ELT e desconfiar das ideologias subliminares que constroem a natureza global da língua como reprodução neutra das desigualdades sociais.

No Brasil, alguns estudiosos dessa área começaram a chamar atenção para a necessidade de se considerar as implicações sociais e políticas do ELT no país. De acordo com os PCNs, o ensino do inglês pode ser valioso apenas se contribuir para o desenvolvimento de uma mente crítica: “O ensino do inglês, considerando seu papel hegemônico nas relações internacionais, pode contribuir para a formulação de contra-discursos em relação às desigualdades entre países e grupos sociais.” (PCNs – LE, 1998 )

Dessa forma, os professores devem estar atentos ao perigo de se tornarem agentes da reprodução de desigualdades globais; em vez disso, eles devem tentar agir como agentes políticos engajados em um projeto de pedagogia crítica que ajude os estudantes a articularem contra-discursos em inglês, em oposição ao discurso dominante dos Estados Unidos. Os professores devem ser sensíveis às vozes dos estudantes, estimulando-os a produzir um contra-discurso em inglês. A língua está envolta em lutas políticas e socioeconômicas que não podem ficar de fora das salas de aula. Os professores devem ensinar com ética. Eles devem considerar a relação de seu trabalho na difusão da língua, avaliando criticamente as implicações de suas práticas na produção e reprodução de desigualdades sociais e questionar se estão contribuindo para a perpetuação do domínio anglo-saxônico.

É necessário que os profissionais do ensino considerem a pedagogia crítica como uma prática efetiva que transforma profundamente a maneira de se ver o mundo, o modo de perceberem a si mesmos, o papel que desempenham como professores de inglês, seu papel na sociedade, conduzindo-os eticamente na direção dos excluídos da plena participação da vida em sociedade.